

# História e Distopias: diálogos entre a literatura e a historiografia

Ana Carolina Galante Delmas<sup>1</sup>

**Resumo:** Em tempos de discussões que se debruçam sobre liberdade e opressão, o tema das distopias tem vigorado no mundo da literatura. As distopias, em geral, caracterizadas pelo totalitarismo, são ponto de partida para discussões acerca de diversos temas como o nazismo, a misoginia e a exclusão social. São chave de leitura de diálogos entre a literatura e a história, especialmente diante dos acontecimentos e ideias dos séculos XIX e XX. Apesar de a literatura não estar necessariamente comprometida com uma explicação do mundo, ela busca provocar reflexões. Somando a isso uma análise de temas da historiografia contemporânea, intenciona-se utilizar das diferenças entre as formas como a historiografia e a literatura abordam temas históricos e ideias para refletir a respeito das nossas visões de mundo.

**Palavras-chave:** Distopias. História. Liberdade. Utopias.

**Abstract:** In times of discussions about freedom and oppression, the theme of dystopias has prevailed in the world of literature. Dystopias, generally characterized by totalitarianism, serve as a starting point for discussions on various topics, such as Nazism, misogyny, and social exclusion. They play a key role in understanding the dialogues between literature and history, particularly before the events and ideas of the 19th and 20th centuries. Although literature is not necessarily committed to providing a comprehensive explanation of the world, it aims to provoke reflection. By analyzing themes from contemporary historiography, we seek to explore the differences between the ways in which historiography and literature approach historical themes and ideas, thus gaining insights into our world perspectives.

**Keywords:** Dystopias. Freedom. History. Utopias.

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Política da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro /RJ, Brasil. E-mail: anacdelmas@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7897-9875>.

Falar sobre utopias e distopias é abordar uma trama complexa de contribuições, que pode ser percebida por meio de debates interdisciplinares e multidisciplinares, como nas obras de Gregory Claeys, Mateus Pereira e Valdeir Araújo, Jill Lepore, Slavoj Žižek, Bronislaw Baczko, Carlos Berriel, João Camilo Penna e Jessica Valdez. Tal complexidade decorre de uma variedade de abordagens, seja pelo olhar histórico, seja pelo olhar filosófico, ou pelo olhar da literatura. Sendo assim, são muitos os questionamentos e, por conseguinte, o material produzido. Estão presentes elementos históricos, literários, religiosos, filosóficos e socioculturais que só podem ser compreendidos à luz de uma proposta interdisciplinar. O presente artigo pretende se debruçar sobre as distopias, partindo de uma abordagem historiográfica, mas aprendendo também com a riqueza da produção acerca do tema. Sendo assim, sem entrar ainda em uma análise dos conceitos de utopia e distopia, comecemos com uma ideia geral do que esses verbetes significam em dicionários como o *Merriam-Webster*<sup>2</sup>, o *Cambridge*<sup>3</sup> e a plataforma de pesquisa da British Library<sup>4</sup>:

Utopia: normalmente iniciada com letra maiúscula, é um lugar de perfeição ideal, especialmente no tocante às leis, ao governo e às condições sociais. Referenciado como um modelo impraticável ou inatingível de melhoria das condições sociais. Lugar imaginário ou indefinidamente remoto. Um lugar imaginário ou um estado no qual tudo é perfeito. A palavra surgiu no século XVI, baseado no grego "ou" (não) + "topos" (lugar), e o primeiro lugar em que foi utilizada foi no livro "Utopia" (1516), de Thomas More. A palavra cunhada por More a partir de "ou-topos" quer dizer "lugar nenhum" ou "nenhum lugar".

Distopia: lugar imaginário em que pessoas vivem de forma desumanizada ou em regime de terror e medo. Estado ou sociedade imaginária em que há grande sofrimento ou injustiça, normalmente totalitário ou pós-apocalíptico. A palavra surgiu no século XIX, vinda de "dys" (dificuldade, dor, ruim) + topia, com o intuito de representar a antítese da utopia, ou seja, um lugar ruim.

Com esses primeiros significados em mente, é preciso considerar o cenário mundial atual para nos fazer a seguinte pergunta: por que há tantos livros de

---

<sup>2</sup> Para os referidos verbetes, consultar: *The Merriam-Webster Dictionary*, disponível em <<https://www.merriam-webster.com/>>. Conferir: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/utopia>> e <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/dystopia>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

<sup>3</sup> Para os referidos verbetes, consultar: *Cambridge Dictionary*, disponível em <<https://dictionary.cambridge.org/>>. Conferir: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/utopia>> <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/dystopia>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

<sup>4</sup> Para os referidos verbetes, consultar: *The British Library*, disponível em: <<https://www.bl.uk/>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

literatura com temas distópicos nas prateleiras das livrarias e textos produzidos em plataformas digitais, e por que cativam tanto os leitores?

Por milhares de anos os seres humanos sonharam com mundos perfeitos, livres de conflito, tristeza e, principalmente, livres de fome. Temos nesses anseios a criação das utopias, cuja arquitetura de um mundo perfeito é anterior ao livro *Utopia*, de Thomas More, publicado pela primeira vez em 1516. Em contraponto à expectativa de mundos utópicos, temos a projeção de mundos distópicos, que, até pouco tempo, eram chamados mais comumente de pós-apocalípticos. As distopias existem ao menos desde o século XVIII, mas foi após 1932, com a publicação de *Admirável Mundo Novo* (HUXLEY, 2009 [1932]), que a literatura viu surgirem as mais diversas manifestações de pessimismo e terror.

Ao pensarmos nas primeiras décadas do século XX, não é difícil associar tal pessimismo às atrocidades das duas grandes guerras mundiais e dos primórdios da Guerra Fria. Há projeções desses acontecimentos em uma infinidade de obras literárias não distópicas, mostrando como esses eventos marcaram gerações inteiras. Nos dias de hoje, quando a maioria dos indivíduos que testemunharam esses genocídios já faleceu, vemos as gerações mais recentes assoladas novamente por guerras religiosas, por ameaças de guerras nucleares, por bullying, por terrorismo digital e, contraditoriamente, por uma dicotomia de uma época de abertura e liberdade de costumes que vem gerando uma reação radicalmente conservadora. Se nos anos finais da Guerra Fria as projeções eram caóticas como no mundo dos filmes de *Mad Max*<sup>5</sup>, hoje as discussões de gênero trouxeram à tona o enredo de *O conto da Aia* (ATWOOD, 2017), escrito em 1985.

Jill Lepore, historiadora e professora da Universidade de Harvard, afirma em suas aulas e em artigo para a revista *New Yorker* (2017) que distopias seguem as utopias da mesma forma como trovões seguem raios. Atualmente, ouve-se o trovejar, mas as pessoas estão tão insatisfeitas com tiranos e afins, esquecendo facilmente que o raio acabou de cair. Para a pesquisadora, o trovão de Donald Trump vem eclipsar a luz do raio de Barack Obama. Independentemente da visão política de Lepore, ficamos com a metáfora que pode servir para o cenário mundial. A crise do modelo comunista, e de esquerda em geral, levou a um vazio de poder, somados à crise econômica, de empregos e à situação de refugiados: temos um trovão do ressurgimento, e com força total, dos movimentos de extrema direita.

Para Lepore, “a utopia é o paraíso; a distopia, o paraíso perdido” (LEPORE, 2017). Uma segue a outra irremediavelmente, ou melhor, a utopia, a sociedade ideal, já contém sua própria distopia, e por isso julga estarmos na era de ouro da distopia. Séries de televisão, romances e filmes parecem ratificar isso. No fundo, poderíamos pensar, as distopias não mudaram tanto ao longo de dois

---

<sup>5</sup> *Mad Max* (1979 - Dir: George Miller), *Mad Max 2* (1981 - Dir: George Miller), *Mad Max além da cúpula do trovão* (1985 - Dir: George Miller e George Ogilvie) e *Mad Max, estrada da fúria* (2015 - Dir: George Miller).

séculos. Ou, com outras palavras, o caminho da humanidade, em sua maior parte, foi quase sempre na direção do progresso, e o mundo é melhor do que era (LEPORE, 2017). Por mais difícil de acreditar, estamos mais perto do que nunca do paraíso e, portanto, o espaço para a catástrofe é maior. Como afirmou Tocqueville (2016), quanto mais um fenômeno desagradável diminui, mais o restante torna-se insuportável para o convívio. Isso pode ajudar a entender um pouco do descontentamento e ansiedade dos dias atuais.

As distopias podem ser apocalípticas ou não, aparecer acompanhadas por um cenário de guerra ou não, mas em todas está presente a perda da liberdade do indivíduo, sacrificada para alcançar uma suposta perfeição. Em sua definição atual, apocalíptica ou não, a distopia precisa ser necessariamente antiutópica, uma utopia às avessas, um mundo no qual pessoas tentaram construir uma república de perfeição apenas para perceber que criaram uma república de miséria. Utópicos acreditam no progresso; distópicos, não. Lutaram a exaustão de argumentos por suas visões de futuro onde competem entre si: os utópicos oferecendo promessas, os distópicos emitindo advertências.

Os romances distópicos por excelência como, por exemplo, *Nós*, de Ievgueni Zamiátin, publicado em 1924; *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, de 1932; e *1984*, de George Orwell, publicado em 1949, são parábolas políticas. Os horrores vistos na Segunda Guerra Mundial foram estopim para a concepção de cenários apocalípticos e as possibilidades das sociedades autoritárias que as distopias exploraram. Depois veio a crítica ao consumismo e ao conforto, que banalizou tudo, como no clássico *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, publicado em 1953, ou em *O Reino do Amanhã*, de J. G. Ballard, de 2006. A Guerra Fria foi um terreno fértil para as distopias cheias de super-heróis e ameaças nucleares. Nas distopias de meados do século XX, Lepore vê a rejeição ao Estado liberal. A historiadora explica que, para cada dilema atual, há um romance distópico (LEPORE, 2017).

Em grande parte, a função das distopias é fazer uma advertência do que o futuro pode trazer. Os romances de Philip K. Dick são, entre outras coisas, um aviso sobre onde a proliferação tecnológica e a inteligência artificial nos levam. Se estamos em um momento fervilhante para as distopias, vale lembrar que elas nunca desapareceram por completo. Ainda para Lepore, a distopia deixou de ser uma ficção de resistência e se tornou uma ficção de submissão. O sucesso dessas obras literárias responde à incapacidade – em parte resultado da preguiça e da covardia – de imaginar um futuro melhor, e revela um desencanto também em relação à política: “De esquerda ou de direita, o pessimismo radical de um distopismo incessante contribuiu para desmantelar o Estado liberal e enfraquecer o compromisso com o pluralismo político” (LEPORE, 2017).

Toda distopia é uma história do futuro. Quais as consequências de uma literatura, mesmo de uma literatura de entretenimento apelativo, de um

desespero político? Para Lepore, "é um comentário triste sobre nossa época, que tenhamos mais facilidade em acreditar nas distopias que nas utopias" (LEPORE, 2017). Há quem especule se o futuro previsto pelas distopias finalmente chegou. As incertezas políticas marcam a volta das distopias, mas será que elas conseguem explicar algo sobre o mundo de hoje? Algumas cenas de repressão parecem ter saído de obras de ficção, e a repentina busca por esses livros chegou a tomar as editoras de surpresa.

A ficção científica sempre foi, essencialmente, um espelho sobre o qual se fazem diagnósticos acerca de um processo histórico conturbado. Não há dúvida de que as distopias são reflexões sobre os grandes dramas atuais. Veja-se, por exemplo, o romance *Submissão*, de Michel Houellebecq (2015), uma ficção eleitoral, ou política, que refletia o imaginário francês contemporâneo e o duplo pânico de uma vitória, que na época do lançamento do livro era uma possibilidade cada vez mais próxima, da direita fascista (PENNA, 2008).

Apesar de a literatura não estar necessariamente comprometida com uma explicação do mundo, ela pode sim provocar uma reflexão. Há quem veja semelhanças entre nós e os personagens de *Admirável Mundo Novo*, que tomam remédios para se sentir melhor e continuar trabalhando, sem refletir sobre o mundo e si mesmos. A literatura ainda permanece viva nesse quesito, ajudando a refletir criticamente, algo sempre necessário, sempre urgente, sobretudo em tempos de crise.

No tocante ao cenário mundial, podemos pensar em uma situação que nos remete a mundos distópicos: um governo que inventa informações para manipular a realidade a seu favor e dá a isso o nome de "fatos alternativos". Poderia ser no livro *1984*, mas aconteceu quando a assessora presidencial norte-americana, Kellyanne Conway, apresentou números inflados de pessoas que haviam assistido ao vivo à posse de Donald Trump. Sem falar nos casos Snowden e Assange.

Muitas vezes a ficção encontra formas pouco óbvias de simular a realidade na qual vivemos. Entre todos os gêneros, a ficção científica é certamente um dos mais hábeis nesse quesito. Ao dissipar a fumaça produzida por carros voadores e naves alienígenas, o que sobra é uma reflexão profunda acerca da natureza humana e do modo como conduzimos o presente, não o futuro. Para a escritora Ursula K. Le Guin, além de extrapolação, a ficção científica é um experimento mental. Em sua visão, o objetivo do experimento mental, termo utilizado tanto por usado por Erwin Schrödinger quanto por outros físicos, não é prever o futuro, e sim, mostrar que o futuro, em nível quântico, não pode ser previsto. É o que demonstra o experimento mental mais famoso de Schrödinger, o do gato na caixa. Na introdução de uma de suas obras mais aclamadas, *A Mão Esquerda da Escuridão*, a autora afirmou que "a ficção científica não prevê; descreve" (LE GUIN, 2015, n.p.).

Exemplo direto disso remete ao "fenômeno" Donald Trump. Além das críticas da mídia, um grupo de autores de variadas origens, tanto geográficas quanto disciplinares, resolveu reunir contos cheios de "fatos alternativos". O e-book *Trump: Utopia or Dystopia* é uma antologia de contos publicada em dezembro de 2017. Como a própria editora anuncia:

Donald Trump, 45º presidente dos Estados Unidos, homem de negócios e personalidade da televisão, iconoclasta e polarizador. Essa antologia é uma cápsula do tempo que captura esperanças e medos, pensamentos e ideias de escritores de todo o mundo, a quem foi pedido que compartilhasse uma história que tivesse Trump como muso inspirador. Ele não precisa ser o personagem principal. No entanto, a história deve mostrar o tipo de mundo que pode resultar de suas políticas (GARRARD, 2017).

Os muitos mundos criados incluem um aplicativo que requer auto-sacrifício para provar que o cidadão é um verdadeiro americano; um mago capaz de criar sonhos em troca de boas Relações Públicas; um político sagaz que criou um muro para impedir os zumbis; um agente do Serviço Secreto fazendo escolhas difíceis para salvar a América; um rei medieval demandando lealdade tanto dos homens quanto da natureza. Isso tudo sem esquecer de pessoas presas em mundos apocalípticos junto com vampiros, um jogo de perguntas eterno, clones, alienígenas e mais.

Permanece, contudo, a pergunta: o que está por trás da explosão de distopias direcionadas aos jovens leitores? A partir da década de 1990, os livros de romance distópicos ficaram ainda mais populares, especialmente entre os jovens. São centenas de narrativas trazendo heróis que precisam sobreviver em mundos totalitários e sem perspectivas. Será que estamos mais céticos e perdemos a crença absoluta e otimista em relação ao futuro?

De acordo com alguns especialistas, o excesso de vigilância e segurança, o fato de crianças e adolescentes estarem sendo criados em uma bolha, em universos ultravigiados, pode ser um bom indicativo. Para muitos jovens leitores, a distopia não é um futuro a ser evitado, é apenas uma versão do que já está acontecendo no mundo em que habitam. Tal mundo vigiado pode ser mais seguro, mas também menos condutivo à aventura, e, sendo assim, a histórias de aventura.

Outro ponto é a internet e a circulação de informação. Ainda que já não seja algo novo ou recente, e que as novas gerações já tenham nascido em tempo de acesso praticamente ilimitado à informação, o tema ainda causa comoção, pois não se sabe exatamente a extensão da circulação, uso e devassidão das informações. Ou melhor, o nível de controle que a rede exerce sobre nós, e o qual algumas pessoas exercem sobre a rede.

As distopias para jovens e adultos não são algo novo, mas se observa um distanciamento da ficção científica e a aproximação da crítica política e social, especialmente ao controle ilimitado do Estado, ao totalitarismo, e notadamente de um colapso dos recursos necessários à sobrevivência. Critica-se ainda o controle de ferramentas químicas e biológicas, além de experimentos científicos de ética duvidosa. O diálogo entre o que é legal e o que é ético também se faz presente. O que parece não esvanecer é a premissa de um mundo arruinado ou intolerável e a necessidade de varrer o passado para dar lugar a algo novo e melhor.

Todos esses anseios não são prerrogativas do século XX. Há distopias publicadas no século XIX, e há quem afirme que o gênero começou muito antes, ainda que o conceito de distopia não tivesse sido cunhado. E, por isso, é necessária uma abordagem multidisciplinar. O primeiro campo em que pensamos ao ouvir a palavra distopia é o da literatura. Se refletirmos por esse âmbito, a distopia é um subgênero da ficção científica - e um dos que mais vem se destacando no gosto dos leitores. Podemos analisar também os aspectos psicológicos dessas projeções de tamanho pessimismo, e pelo âmbito da História, não apenas ao reconhecer e analisar o que há de histórico nessas obras onde tal negatividade impera.

Carlos Berriel, professor e pesquisador de Literatura da Unicamp, em seu artigo *Brief Notes on Utopia, Dystopia and History* (2005) afirma que a utopia surgiu com Thomas More exatamente como crítica à situação social da época, em particular à condição inglesa, descrita como injusta e violenta. Conforme Berriel, na supracitada obra *Utopia*, More poderia ter optado por uma distopia, porém, optou pela utopia, descrevendo um país que, ao contrário da Inglaterra real, teria resolvido seus problemas por meio de medidas governamentais. Berriel afirma ainda que tanto as utopias quanto as distopias tratam de situações calamitosas. A diferença é o método literário: enquanto a primeira mostra o contrário da realidade, a segunda revela uma sociedade que existe, mas com suas características negativas amplificadas ao máximo (BERRIEL, 2005).

Alterando o viés disciplinar, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman afirma que o termo mais adequado aos dias de hoje não seria nem utopia, nem distopia, e sim, retrotopia. Defende que, ao olhar para o futuro e se deparar com a falta de esperança e caos, as pessoas se voltam para o passado numa tentativa frustrada de encontrar soluções para o presente, vivendo então uma espécie de era da nostalgia, que, por sua vez, alimenta a esperança de conciliar segurança e liberdade – ao invés de precisar escolher apenas um ou outro (BAUMAN, 2017, p. 7-14). Porém se trata de um passado idealizado, no qual tudo era perfeito, esquecendo que, assim como em *Blade Runner* (DICK, 2019), nossas memórias podem ser tão questionáveis quanto a humanidade de um replicante.

Essa nostalgia remete também a uma reorganização do campo conservador, tanto no Brasil quanto no cenário internacional. É comum afirmar que o conservador é, no fundo, um saudosista, porque o passado é o tempo sobre o qual ele mais tem controle. Uma situação complexa como a atual, com grave crise econômica e desemprego, provoca instabilidade e insegurança. Os problemas contemporâneos ao indivíduo acabam remetendo suas projeções a uma época pregressa em que tudo parecia mais fácil – época em que, inúmeras vezes, o indivíduo nem viveu. Sendo assim, é fácil encontrar pessoas que defendam a volta de regimes autoritários e discursos que prezem os “valores tradicionais”.

Não obstante, fãs de obras clássicas já citadas, como *Admirável Mundo Novo* e *1984*, e também de obras como *O Expresso do Amanhã* (2015), de Jacques Lob e Benjamin Legrand, além de produções como *3%* (Netflix) sabem muito bem o que acontece quando o “monopólio da verdade” é cooptado por autocratas. Ainda assim, há quem acredite que a imagem do ditador clássico não tenha mais espaço no século XXI, mas talvez a alternativa seja ainda pior. O que vemos agora são governos com uma aparência democrática, porém com traços claramente autoritários. Supostas democracias que tomam medidas de exceção sem apoio popular ou base constitucional. A teatralidade é uma característica ainda presente, e os novos atores políticos sabem manipular o medo de uma forma trivial.

Diante de mudanças cada vez mais rápidas, a tecnologia continua evoluindo em um processo que não será freado ou contido, e então há os que defendam a necessidade de uma revolução pós-humana, em que se busquem a empatia e a fraternidade. Por sua vez, Bauman defendeu uma versão mais apocalíptica dos rumos da humanidade: “Estamos diante da perspectiva de nos darmos as mãos ou rumarmos para nossas valas comuns” (BAUMAN, 2017, p. 155). “Os seres humanos mercantilizados e/ou persuadidos a perceber seu estar no mundo como uma agregação e série de transações de compra e venda”. É como se os seres humanos passassem a ser apenas consumidores, perdendo sua humanidade e tendo seu valor pautado no poder de compra (BAUMAN, 2017, p. 113).

O estímulo à competição e ao consumo em tempo integral tem feito com que o “ter” se sobreponha ao “ser”. Termos como solidariedade e consciência coletiva soam ingênuos. E isso faz com que muitas distopias se tornem mais verossímeis do que uma ficção que mostre uma sociedade harmoniosa. Nas palavras de Berriel: “A catástrofe é concreta, e é representada por obras de alto padrão estético, enquanto as utopias positivas padecem de descrédito e estão próximas da ingenuidade” (BERRIEL, 2005, p. 102).

A ojeriza à ideia do outro pode ser observada em filmes como *Filhos da Esperança*<sup>6</sup>, cujo cenário se passa em uma Inglaterra que se tornou o único país organizado em um mundo desequilibrado no qual os imigrantes devem ser banidos a qualquer preço, caracterizando a crítica a uma questão que continua atual quase 20 anos depois, em diversos cantos do mundo. É a ideia do estrangeiro visto como uma ameaça, algo que pode ser utilizado como bandeira política, com, em maior ou menor escala, a ideia do inimigo manipulada para a manutenção de uma política de medo. Ou, como afirmou Bauman em seu livro *Medo Líquido*, o Estado substituiu seu papel de guardião e assumiu o de promotor da incerteza e da insegurança como condições humanas permanentes (BAUMAN, 2008a, p. 156-167). No entanto, o individualismo e a indiferença às necessidades do outro só nos diminuem e nos brutalizam, pois amortecem as potencialidades que tínhamos enquanto seres pensantes.

Para compreender melhor o diálogo entre utopias e distopias, vale ressaltar que a constelação de mitos políticos, conforme organizada por Raoul Girardet em *Mitos e mitologias políticas* (1987), costuma aparecer nas obras distópicas. Segundo o autor, o mito político é uma interpretação da realidade, interpondo-se como uma tela entre a verdade dos fatos e as exigências do conhecimento. No entanto, o mito constitui um sistema de crenças coerente e completo, permitindo que a narrativa seja capaz de fornecer chaves explicativas para a compreensão do passado, uma vez que parece ordenar “o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos” (GIRARDET, 1987, p. 13). Constituem-se, assim, o que chamou de “constelações mitológicas”, ou seja, um conjunto de construções míticas reunidas em torno de um tema central. A mitologia política é, assim, algo que se relaciona com um imaginário político e mesmo com uma cultura política. O autor delimita então quatro grandes conjuntos mitológicos (e políticos) principais (GIRARDET, 1987).

“A conspiração” aborda os processos revolucionários como imbuídos de complôs. Pode ser considerada como uma fábula ou narrativa, construída a partir de imagens detratórias e negativas que nomeiam os inimigos sociais. Os elementos que normalmente perpassam essa narrativa mito-política da conspiração têm como núcleo diretor o segredo, a delação, a espionagem, a chantagem, a sabotagem, o aliciamento, as redes de controle e informação infiltradas no tecido social. Essas imagens ainda tendem a derivar para uma interpretação antropológica que converte os “inimigos sociais” a imaginários deformados.

“O salvador” é aquele que chega ao poder e passa a não pertencer mais a si mesmo, mas às necessidades de seus subordinados. Ultrapassa a esfera da humanidade, tornando-se um símbolo no qual os governados se reconhecem. É

---

<sup>6</sup> *Filhos da Esperança*. (Dir. Alfonso Cuarón, 2006)

uma resposta à expectativa da sociedade. Ao abrir mão de seu poder, deve se certificar de que haverá continuidade e unidade. De certa forma, relaciona-se à figura do herói da literatura.

“A idade do ouro”, por sua vez, é uma imagem centrada na nostalgia, na valorização da infância e de um tempo muitas vezes não vivido. Pode ser visto como uma expressão da ansiedade da sociedade frente às mudanças. E, por fim, “a unidade”, que se aproxima do ideal de utopia. É uma construção mítica de uma sociedade integrada, pautada em um imaginário imagético e onírico. (GIRARDET, 1987)

As ferramentas interdisciplinares que vimos até aqui nos permitem analisar as utopias e distopias em sua era de ouro de meados do século XX, mas também em sua história pregressa, em seus primórdios. Ainda que a reflexão acerca dos problemas de nossos dias, vistos pelas distopias, seja uma crítica fundamental, voltemos os olhares para o nascimento das utopias e, subsequentemente, para o ambiente oitocentista. Tendo em mente que as noções de distopia e de utopia já existiam antes mesmo que tais conceitos fossem cunhados, é preciso lembrar que as utopias medievais também já existiam antes que o livro de Thomas More saísse dos prelos, em 1516.

Se hoje nossas utopias e distopias têm a ver com segurança e liberdade, ou a falta delas, as primeiras utopias, ou seja, os primeiros desejos de um lugar melhor, tinham a ver com a escassez, principalmente de alimentos. Também se ligam a uma literatura de viagem, pois as descrições desses locais utópicos frequentemente relatam uma jornada até um lugar que poderia ser o Paraíso ou a Cocanha. São quatro as utopias medievais descritas por Hilário Franco Junior em *As utopias medievais* (FRANCO JR., 1992) cujos elementos podem ser percebidos tanto na literatura utópica, quanto nas obras distópicas: Cocanha, a utopia da abundância; Milênio, a utopia da justiça; Androginia, a utopia do sexo; Paraíso, a utopia-matriz.

A utopia da Cocanha representa um lugar de maravilhas cunhado no imaginário popular, reagindo a uma realidade onde a pobreza e a estagnação, aliadas à falta de uma alimentação adequada, levaram a idealização de um país onde tudo era abundante, todos eram felizes, os materiais eram raros, desconhecidos, exóticos. Tudo era rico, o trabalho era prazeroso ou inexistente e as quantidades sempre exorbitantes. Enquanto outros paraísos como Avalon, o Reino de Preste João e o Paraíso da Rainha Sibila esbanjavam magia e justiça social, a Cocanha se caracterizava pela abundância alimentar – que permitia a existência de igualdade, cordialidade e juventude. A Cocanha refletia o desejo de um mundo melhor, sem dor nem fome, um mundo feliz. Um lugar onde a comida era tão abundante que se podia guerrear utilizando-se dela.

Observa-se, de maneira muito forte, a presença das inversões: ganhar pagamento para dormir, a preguiça sendo melhor remunerada do que o trabalho.

Quanto aos alimentos, a carne predomina nos escritos que descrevem o país da Cocanha, fato diretamente inverso à realidade. Quase não há frutos ou vegetais, e não se fala em pão, o alimento mais consumido pelo povo. Além disso, nenhum alimento é natural, cru; tudo é cozido, fruto da civilidade. Está presente também a subversão do tempo, que se curva à necessidade da satisfação (mês de seis semanas, quatro páscoas, quatro natais...).

As camadas mais favorecidas não pareciam se importar com a utopia da Cocanha, e sempre enfatizaram mitos de caráter menos democratizante como o Santo Graal e Preste João. A Cocanha era a personificação da opulência para todos de forma indiscriminada. Os alimentos característicos das camadas ricas literalmente choviam para os pobres, em um país sem limites e sem hierarquias. O trabalho era escasso e festas como o Natal e a Páscoa ocorriam várias vezes por ano. Todos eram jovens e viviam por muito tempo, não importando a ordem a que pertenciam. Daí o caráter popular da Cocanha, principalmente por ser o oposto da vida nas camadas mais baixas. É, basicamente tudo aquilo que estas não possuíam, mas que podia ser alcançado ao estarem sonhando com a utopia. Se o Paraíso é a maior das utopias, a Cocanha é o paraíso do homem pobre medieval.

A Cocanha não é, porém, o Paraíso bíblico, e chegou a ser apontada como uma utopia anticristã, noção que vem tanto da utilização de símbolos pagãos, quanto da lógica de um mundo cristão subvertido e transformado em pagão. De qualquer forma, significando o oposto da vida nas camadas mais baixas, foi um mito tão forte que possui representações em diversas localidades:

- “O Poema Inglês” (Inglaterra, séc. XIII);
- “O País dos Preguiçosos” (Alemanha, 1530);
- “A Terra da Preguiça e da Gula” (Holanda, 1546);
- “O Reino de Panigon” (França, 1560);
- “Viagem ao País da Cocanha” (Itália, 1588).
- “Viagem a São Saruê” (literatura de cordel, Brasil, 1947).

Por sua vez, o Milênio, ou a utopia da Justiça, apresenta duas concepções de tempo presentes em sua época: a de tempo cíclico (ideia de eterno retorno) e a de tempo linear (ou seja, a vida possui um começo e terá um fim), essa última adotada pela Igreja Católica, sendo a concepção que mais predominou no imaginário da população. A partir dela e de alguns mitos, muitas pessoas acreditavam que haveria o Milênio, um período de justiça, paz e fartura, recuperação do Paraíso Terrestre, antecipação do Reino Celeste.

A Androginia, ou a utopia do sexo, parte do fato de a Igreja Católica proibir relações sexuais fora do casamento e com pessoas do mesmo sexo. Tal determinação possibilitou que o imaginário da população fosse terreno fértil de

mitos e utopias relativos ao tema. Dessa forma, mesmo que de maneira implícita, levavam à consideração da androginia, sendo o sexo considerado uma ótima forma de fugir da realidade, fazendo esquecer, mesmo que momentaneamente, os problemas do cotidiano.

Por fim, o Paraíso, ou a utopia-matriz: o imaginário das pessoas era povoado de mitos e utopias relacionados ao Paraíso, o qual seria um local caracterizado por possuir uma natureza pródiga, saúde, harmonia, imortalidade, nudez, inocência, fartura e unidade. De modo geral, tanto o clero como os leigos e os pagãos compartilhavam dessa utopia, apesar de cada uma dessas classes de pessoas possuir algumas diferenças no modo como imaginava esse lugar. Suas principais manifestações são os referidos Reino de Preste João e o Paraíso da Rainha Sibila. Percebe-se que as utopias possuíam caráter sagrado e onipotente e, no caso do período medieval, eram predominantemente agrárias. Segundo Hilário Franco Junior, a utopia de maior influência era do Paraíso, ou seja, do retorno à situação inicial de Adão e Eva antes de caírem no pecado (FRANCO JR., 1992).

Vários desses elementos permaneceram arraigados no imaginário, influenciando obras utópicas e distópicas. Por sua vez, é importante levarmos em consideração os acontecimentos históricos e de que forma foram percebidos pela humanidade. De More até o presente, não são muitos os que acreditam que a civilização chegou mais perto de suas metas utópicas. A Revolução Industrial e o avanço tecnológico não diminuíram a carga de trabalho da população proletária: concentrada nos cortiços ou nas periferias de grandes cidades, careceu de repouso, leis trabalhistas e salários dignos. O avanço imperialista das novas potências europeias sobre a África balançou o jogo geopolítico e culminou com a Primeira Guerra Mundial. Em seguida, a quebra da bolsa de Nova York, a ascensão do fascismo e do comunismo e a eclosão da Segunda Guerra Mundial, vista como o pior conflito da história. Seguiram-se a isso a Guerra Fria, os regimes totalitários, ditaduras e outros percalços e conquistas.

Voltemos novamente o olhar para o século XIX. O termo “distopia” foi delineado pelo pensador John Stuart Mill, que em 1868 sentiu necessidade de uma palavra que explicasse bem o suficiente a inversão dos valores utópicos de Thomas More na era industrial. Em um discurso no Parlamento, popularizou o termo “distopia” para indicar o oposto da utopia: “O que é demasiadamente bom para ser tentado é utópico, o demasiado mau é distópico” (VALDEZ, 2018, p. 3). Por sua vez, assim como as utopias precederam a cunhagem do termo, há obras distópicas do fim do século XVIII e de todo o século XIX, anteriores a Mill. E, sendo assim, é preciso compreender melhor as nuances do conceito de utopia, além da noção dos dicionários, para entender a essência das distopias.

A utopia é, em si, o não lugar ou um mundo idealizado, carregado de otimismo. O conceito de utopia vem sendo, ao longo dos tempos, uma variação

de um presente ideal, de um passado ideal e de um futuro ideal. Ao mesmo tempo, remete a uma relação entre os três. Todos podem ser míticos ou imaginários, ou ter algum fundamento real na história. A pré-história do conceito é basicamente religiosa, consistindo em mitos da criação e da vida que se espera após a morte, mas pode também conter uma dimensão histórica especulativa, como o dilúvio destruidor descrito na Epopeia de Gilgamesh (2000 a.C.), muito antes do dilúvio bíblico.

Os gregos idealizaram seu presente na estrutura da vida da polis, e seu futuro foi idealizado na vida após a morte, como pode ser visto na descrição dos Campos Elísios da Odisseia, de Homero (século IX a.C.). Os romanos fizeram o mesmo com a Arcádia da Eneida, de Virgílio, que remetia ao ideal elísio, cujo acesso era para poucos virtuosos. Para os cristãos medievais, havia o Gênesis que revelava o Paraíso de Adão e Eva. Na Ásia e no Oriente Médio, no mundo inteiro, há representações idealizadas de mitos de criação e eras de ouro.

Atualmente, é mais comum voltarmos nossas idealizações para a ciência. Se há alguns anos muitos viam no presente o melhor que se podia alcançar, especialmente nas camadas privilegiadas, hoje aumenta o número daqueles que identificam no passado um ideal para onde vale a pena retornar. Encontram no passado um período de harmonia com a natureza, em que a população não era excessivamente onerosa e o consumo estava equilibrado com a produção.

Não importa se estamos idealizando o passado, o presente ou o futuro, o conceito de utopia muitas vezes tem influência sobre nossa concepção do ideal. De acordo com Gregory Claeys (2013), as três fases do desenvolvimento do pensamento utópico podem ser livremente chamadas de mítica, religiosa e positivista (remetendo a Augusto Comte). Em cada um desses estágios, algo semelhante a um conceito de utopia age para reforçar o senso de coletividade e oferecer esperança em um mundo incerto. Os primeiros dois estágios também ligam a vida terrena ao além, enquanto o terceiro se aproxima mais de um equivalente secular da salvação. Pela maior parte da história, a humanidade esteve enraizada em mundos que ultrapassam o domínio do “normal” ou do cotidiano, buscando e encontrando significados na vida a partir de uma compreensão da morte e do além (CLAEYS, 2013, p. 7-10).

A humanidade busca conforto na idealização, especialmente do passado e do futuro. Quando as vidas são ameaçadas ou se deterioram, reage-se cultivando um sentido reforçado de harmonia familiar e identidade étnica, nacional e/ou religiosa. Ou seja, algo próximo do conceito de utopia, como já afirmado, existia mesmo antes do livro de More, com o intuito de equilibrar as discórdias, privilegiar o coletivo e aproximar a propriedade e as classes sociais. Essa igualdade é o dogma social central, o Paraíso da utopia-matriz, que define os propósitos utópicos.

A última fase da utopia tem mais relação com criação do que com imaginação, e tem seu apogeu nos séculos XIX e XX. Embora seja comum a associação com o socialismo, seria errado omitir o liberalismo da análise. O liberalismo é, em geral, associado a algo mais pragmático e tangível, longe das idealizações e tem, portanto, uma aura antiutópica (e não distópica). Tal lógica não procede, pois o liberalismo (e não o neoliberalismo) representava uma visão utópica da opulência universal baseada na divisão do trabalho e no crescimento do comércio. Nas palavras de Adam Smith: “Nenhuma sociedade pode ser próspera e feliz se a maior parte de seus membros é pobre e miserável” (SMITH, 1789, p. 127). O liberalismo almejava uma democracia idealizada, baseada na soberania popular e na constitucionalidade. Porém, não conseguiu evitar o domínio de poucos, mais abastados, sobre os demais, menos favorecidos.

Modelos sócioeconômicos à parte, as utopias têm elementos-chaves na sociabilidade e na coletividade, que são fundamentais para a felicidade individual. A ideia de igualdade e pertencimento também aparecem na maioria das obras utópicas e distópicas. Os indivíduos ficam felizes ao fazerem parte de uma vizinhança, ao pertencerem ao público. Costumam ser mais felizes quando não vivem com medo de seus vizinhos, ou quando sentem que a sociedade os protege do medo da doença e da velhice.

É realmente um desafio chegar a uma definição infalível de utopia, pois sua amplitude é enorme. Uma forma de fazê-lo é partir de *Utopia*, de Thomas More. Nela há um relato quase realista de uma sociedade melhorada. A natureza humana não é perfeita, uma vez que ainda existe crime. Porém, há um sistema de leis mais coletivista, maneiras e costumes mútuos almejando uma comunidade mais feliz e bem ordenada.

Tendo essas características em mente, observa-se que, dentre os tipos de utopias, existem as hierárquicas e as igualitárias. Muitas utopias primordiais, além das distopias, baseavam-se na crença de que a desigualdade da humanidade era inevitável, com um grupo seleto de líderes levando uma vida de privilégio e relativo luxo. Essa visão, muitas vezes associada à República, de Platão, distancia-se da obra de More, onde todos os homens e mulheres participavam da agricultura e eram treinados em alguma habilidade. A maioria das utopias modernas e contemporâneas incluem uma medida substancial de igualdade, em contraponto às experiências totalitaristas dos últimos séculos.

Os mitos de criação também foram suplantados, dessa vez por mitos de destinação. A perfeição está cada vez mais relegada ao além e, quando não, sua busca costuma definir a distopia. O utopismo moderno costuma colocar muito mais peso sobre a eficácia humana nesta vida; deixa de lado deuses e forças mitológicas e atribui a responsabilidade do destino da humanidade aos próprios homens. São os humanos, e não os deuses, que organizam seus regulamentos e costumes, definem seus sistemas de ordem.

Pensando novamente em termos historiográficos, segundo Bronislaw Baczko (1989), a palavra utopia apresentava uma origem estritamente literária. Utopia, após designar um país imaginário (a ilha descrita no livro de Thomas More), veio a significar toda a descrição de uma sociedade ideal imaginária ou todo o projeto de cidade perfeita. No entanto, nos séculos XIX e XX, o interesse pelas utopias ampliou-se, tornando-se objeto de novas investigações sistemáticas. Não mais se contentava com o sentido tradicional do termo, houve um início de consciência da complexidade do fenômeno utópico. A oposição utópico/não utópico passou a ser utilizada para caracterizar atitudes coletivas, movimentos sociais, correntes de ideias. Vale lembrar que, na tradição marxista, encontra-se a oposição socialismo utópico/socialismo científico (BACZKO, 1989).

O interesse que se tem hoje em relação às utopias responde a mais de uma interrogação sobre o nosso tempo. Nunca a utopia foi tão violentamente denunciada e tão profundamente exaltada; tornou-se o ponto de fixação de nossos assombros e de nossas esperanças. A presença simultânea das duas atitudes, desconfiança em relação à utopia e desejo de construir uma, marca a consciência desse tempo que é nosso.

Desse modo, as utopias passaram a ser objeto de estudo do historiador, pois contribuem para a formação de um imaginário social em épocas pré-revolucionárias ou revolucionárias. Contribuem para a possibilidade de se perceber a concepção de uma ordem social nova. A utopia encontra-se, ao mesmo tempo, engajada na história e em sua recusa. Fornece elementos para destacar a dimensão histórica da realidade existente, uma vez que se opõe à inércia intelectual e social, que atribui a esta realidade um caráter definitivo. De outro lado, a utopia pode também permanecer fora e acima de toda a história na medida em que procura começos absolutos e soluções finais para seus conflitos e contradições. No entanto, por meio das utopias, a imaginação social se manifesta, pois permitem inventar uma representação da sociedade, especialmente uma representação da melhor sociedade possível. Deve-se destacar que os bens de caráter simbólico, raros e limitados, permitem não apenas o controle do poder; garantem que a autoridade política não se imponha apenas pela força, mas, sobretudo, pela legitimidade.

Como já citado, o século XX foi marcado por uma contínua e acelerada mudança tecnológica e novas descobertas científicas. Mas também foi um período conturbado, um tempo que testemunhou duas sangrentas guerras mundiais e regimes totalitários e violentos, como o Nazismo e o Fascismo, além de ditaduras militares. Gêneros literários como a ficção científica se tornaram populares a partir do mesmo século XX. Os escritores voltaram-se para os efeitos que as novas invenções poderiam ter sobre as vidas cotidianas. Enquanto alguns vislumbravam a possibilidade de a tecnologia aprimorar a humanidade, outros

advertiam sobre as consequências graves de uma ciência usada para fins obscuros.

Diante das incertezas do futuro, a utopia negativa. O pessimismo distópico dá o tom das narrativas, que mostram um mundo sombrio e pessimista, um futuro no qual ninguém gostaria de viver. Temos então dois grandes clássicos já citados: *1984* e *Admirável mundo novo*. Ambos refletem as questões políticas daquele tempo, como regimes totalitários e o mundo dividido em grandes blocos de pensamento ideológico.

Nesse sentido, desde o início, tanto a utopia quanto a distopia seriam reações ao presente. Quando o presente não satisfaz, a sociedade projeta um futuro melhor ou um futuro pior. A distopia é a rendição ao pessimismo, e a distinção entre utopia e distopia pode ser alarmantemente pequena.

A história da distopia começa com o Apocalipse. Um Deus raivoso pune o mau comportamento da humanidade com um dilúvio, deixando apenas Noé, sua família e os animais para o recomeço. E essa história acaba, aparentemente, com várias distopias reais criadas pela agressividade da humanidade contra si mesma e contra a natureza. Novamente, podemos ser submersos por um dilúvio. Mas a semelhança termina aí. O primeiro Apocalipse foi obviamente uma ameaça para regular o comportamento da humanidade, para manter a moralidade e para garantir a fé. A ideia de um novo apocalipse parece representar uma catástrofe real e iminente. A maioria, senão todos, irá perecer, sem Noé ou Deus para salvá-los.

Além da catástrofe final, a distopia tem funcionado para projetar muitas outras variantes do destino da humanidade. Primeiro, foram as distopias psicológicas da Idade Média, com suas terras desconhecidas, cheias de monstros e governadas pelo Diabo, remetendo aos descobrimentos. Depois, com as Cruzadas avançando sobre terras já conhecidas, remetiam às perseguições em larga escala de judeus, hereges, bruxas e minorias depravadas. A racionalidade para tais perseguições era frequentemente definida por grupos paranoicos que precisavam conjurar inimigos à guisa de bodes expiatórios e assegurar a própria pureza em detrimento da impureza do inimigo, o que se tornou a tônica em momentos de crise e se manteve como meio de perpetuação do poder. A Inquisição é um exemplo de destaque de tais grupos e organizações.

Temos também as distopias políticas totalitaristas do século XX. Tanto Hitler quanto Stalin prometeram utopias que, para se concretizar, demandavam o extermínio de milhões. Ambos exibiam as manifestações mais agressivas e paranoicas das tentativas de formação de identidade e afirmação de um grupo. E, apesar da ferocidade do Holocausto, as perseguições mais recentes, baseadas nas classes sociais tem derramado mais sangue que aquelas baseadas nos conceitos de raça. As duas formas de despotismo dividiram uma obsessão com um darwinismo social e ambas acreditavam que a sobrevivência de seus grupos

só era possível com o extermínio em massa. Suas justificativas para perseguição estavam entremeadas com teorias de uma origem milenar, com a ideia de uma graça laica, com necessidades raciais ou históricas, além de uma moralidade que desculpava todas as suas ações.

Depois temos as distopias como reação aos movimentos revolucionários, que logo se transformaram em sátiras do excesso da exploração capitalista, projeções de civilizações centradas nas máquinas e extremos da ambição pela utopia. Autores como Huxley, Orwell e Burrhus Frederic Skinner (psicólogo) reconheceram o centralismo dos processos de grupos e da tecnofilia para a opressão moderna. O livre arbítrio era frequentemente visto como deslocado pelas forças opressoras e pelas ideologias tanto comunistas quanto capitalistas, além dos sistemas de manipulação. Temia-se que a humanidade estivesse sendo suplantada pelos mecanismos. Depois de 1945, as visões distópicas frequentemente envolviam bombas atômicas, além de robôs, vigilância ou panoptismo e dominação corporativa. Então o colapso do meio ambiente tomou a dianteira.

Portanto, o distópico descreve passados e lugares que rejeitamos por serem profundamente inumanos e opressores, e projeta futuros negativos que não queremos, mas para os quais rumamos. E assim, mantém problemas eternos de identidade da humanidade. Devemos ser monstros, humanos ou máquinas? Escravizados ou livres? Ser realmente livres ou ter nossa liberdade condicionada em alguns níveis? Preservar a individualidade ou ser engolidos pelo coletivo? São questões da humanidade sempre presentes nas distopias, expondo o paradoxo histórico da impotência de uma humanidade aparentemente onipotente. Temos poderes que outrora eram apenas atribuídos aos deuses, nos concedendo um suposto controle de nosso destino e nos deixando enamorados por nossa capacidade inventiva, até perder ou entregar nosso livre arbítrio e governo de nossas vidas para elites, máquinas e sistemas.

A distopia, então, define o espírito dos nossos tempos. Manchetes sobre terrorismo permeiam os jornais, dividindo espaço com as questões das mudanças climáticas. Como o filósofo Slavoj Žižek disse, estamos nos aproximando "de um marco zero apocalíptico em que a crise ecológica e a luta por novos materiais, além de outros fatores, ameaça um colapso total" (ŽIZEK, 2012, p. 13). Há quem preveja que esse século será o último da humanidade. Mas somos historiadores, não futurólogos. Deixemos prognósticos e projeções para outro momento.

Pensemos o seguinte: a ideia de progresso traz seus perigos. Projeções, por piores que sejam, são plausíveis. No entanto, não são inevitáveis. De qualquer forma, a criação de tais pesadelos claramente indica a centralidade da distopia em nossos tempos. Talvez a literatura distópica seja ultrapassada por uma realidade de horror sem igual. Mas, particularmente no que tange à ciência e à tecnologia, tais projeções têm muito a oferecer. Precisamos da visão de longo

prazo para identificar o que beneficia a poucos e pode prejudicar a muitos. Uma das tarefas das distopias literárias é nos alertar e nos educar sobre as distopias reais. Não precisam ter um final feliz, pois, como vimos, o pessimismo tem seu lugar. Mas esses ensaios literários, carregados de anseios sociais, podem ajudar a visualizar soluções racionais e coletivas em lugares onde o pânico e a irracionalidades poderiam florescer.

Sabe-se que a palavra distopia evoca imagens perturbadoras. Além do Apocalipse bíblico, há paisagens de destruição, morte, ruínas, cadáveres, monumentos submersos, putrefação, decomposição, cidades decadentes, ou seja, os destroços de civilizações. Vemos cataclismas, guerras, falta de leis, desordem, dor e sofrimento. Símbolos de decadência. Ou quilômetros de arame farpado guardados por soldados armados em suas torres, com suas metralhadoras e lanternas, cães de guarda rosnando, campos minados e olhos em rostos cadavéricos, esbugalhados em faces que denotam a fome e a inanição.

Ruas sombrias dominadas por retratos gigantes de um Líder que testemunham luta por comida enquanto alto-falantes anunciam regras e punições locais. Ou uma proliferação de cogumelos radioativos indicando o fim da humanidade pelas guerras nucleares. Enfim, nesses e em outros possíveis cenários distópicos, há alguns elementos recorrentes: sociedades militarizadas, escravidão, despotismo (e ditaduras totalitaristas), prisões e espaços assolados por doenças. Também o terror sagrado, ou o uso da religião, de um fervor religioso ou da culpa; opressão e comportamento de manada.

Estudiosos e aficionados afirmam que Júlio Verne (1828-1905) é a "pré-história" das distopias, que a ficção científica de ontem é o nosso presente. Se pensarmos assim, chegaremos a projeções feitas mesmo por Leonardo Da Vinci. De qualquer forma, podemos tomar Júlio Verne como um ponto de partida para analisarmos as diferenças entre ficção científica e distopia, além de considerá-lo, sim, como um dos pioneiros em ambos os gêneros.

Verne representou um mundo que vivia descobertas científicas, que vivenciava o início de um projeto desenvolvimentista e tecnicista, um mundo que visava o progresso. O autor não se dedicou apenas à exaltação das máquinas, mas também se utilizou da literatura para criticar a cultura científicista de seu tempo por meio de representações distópicas. No entanto, podemos recuar ainda mais a busca pela origem das distopias: uma obra que inspirou as demais foi escrita pelo irlandês Jonathan Swift em 1726. Trata-se de *As Viagens de Gulliver*, que satiriza a sociedade inglesa contando a história de um navegante que visita os reinos mais peculiares, definidos por características de seus habitantes: anões, gigantes, necromantes, cientistas malucos e afins. Esses reinos são tanto utópicos quanto distópicos, mas, essencialmente, são absurdos. E, apesar de escrito há muitos séculos, o romance ainda é um dos clássicos da literatura inglesa.

*As Viagens de Gulliver* contém muitas características das distopias. A ilha de Laputa, por exemplo, tem um regime de governo semelhante ao de 1984, onde os cidadãos são submetidos à opressão e à ditadura. Ao mesmo tempo, nos parece absurdo o fato de aperfeiçoarem apenas a matemática, a música e a astronomia, ignorando o resto. Da mesma forma, *Admirável Mundo Novo* aceita apenas a tecnologia para preservar a comunidade, a identidade e a estabilidade. Além disso, vemos elementos como a separação das crianças de seus pais.

Outra característica interessante é a inspiração em personagens reais. O primeiro-ministro britânico, Robert Walpole, foi recriado como Flimnap, o pomposo Alto Lorde Tesoureiro de Lilliput. Da mesma forma, outros dois inimigos políticos de Swift, O Duque de Marlborough e o Conde de Nottingham foram inspirações para o governo sedento de guerra do Lorde Almirante de Lilliput.

Se *As Viagens de Gulliver* foi a pedra fundamental de influência para as distopias, vemos que houve outras tentativas ao longo do século XIX:

1826: *O último homem*, de Mary Shelley. O romance conta a história de um mundo futuro que foi devastado por uma praga. É considerada por muitos estudiosos como a primeira distopia.

1835: Uma permanência na Cidade de Amalgamação, no Ano de Nosso Senhor, 19--, do escritor americano Jerome B. Holgate. Ao descrever o modo de vida distópico na cidade fictícia de Amalgamação, o escritor tentou desacreditar abolicionistas e defensores do casamento interracial (no seu caso, eram caucasianos americanos e escravos afro-americanos).

1887: *A República do Futuro* é um romance de 88 páginas da escritora norte-americana Anna Bowman Dodd. Escrita como uma resposta aos muitos outros romances temáticos distópicos de seu tempo, Dodd descreveu uma sociedade utópica da futurista "Cidade Socialista de Nova York". Embora a princípio o estilo de vida parecesse melhor do que no resto do mundo capitalista, logo revelou que seus cidadãos viviam uma vida totalmente controlada pelo governo.

1890: *A Coluna de César*, de Ignatius L. Donnelly. Muitas vezes descrita como "distopia apocalíptica", sua história segue a vida de um homem simples de Uganda que vem visitar a metrópole futurista de Nova York. Ali ele testemunha a grande riqueza da cidade, mas também a dor da classe trabalhadora. Eventualmente, escapa da cidade após o início da guerra aberta entre trabalhadores e aristocratas.

1895: *A máquina do tempo*, romance de ficção científica de HG Wells, que segue a vida de um viajante do tempo que vai para o ano 802.701 dC. Lá, ele testemunha a sociedade utópica de Eloi, uma raça de descendentes humanos que vivem pacificamente na natureza aberta. No entanto, ele logo descobriu que os Eloi (ex-aristocratas) eram criados para viver apenas para ser alimento para os

monstros Morlocks (antiga classe trabalhadora) desfigurados. Este livro foi um dos primeiros do subgênero de ficção científica conhecido como "Terra morrendo".

1899: *O Dorminhoco*, de H. G. Wells. Conta a história de um homem que acorda após um longo sono de 203 anos. Cercado pelo ambiente aparentemente utópico, ele logo descobriu que isso estava longe da verdade, fazendo todos os seus horrores e medos se manifestarem.

O Brasil, por sua vez, também produziu obras de cunho distópico. Temos como exemplo Monteiro Lobato em *O presidente negro, ou o choque de raças*, escrito em 1926. A obra é controversa por seu conteúdo considerado racista e preconceituoso, merecendo uma análise mais atenta em outro momento. No entanto, Lobato não foi o único a experimentar os recursos literários das distopias. Algumas décadas antes, Aluísio de Azevedo abordou um ambiente apocalíptico no primeiro volume de seus contos.

"Demônios" é considerado por muitos um precursor da ficção científica brasileira, com uma miríade muito rica de elementos que referenciam o distópico, e, por isso, a liberdade de arrebatá-lo para o rol das distopias. É um conto em que o autor parece experimentar muitos gêneros ou influências. Trata-se de um conto longo, de 1893, com uma abordagem apocalíptica, em que Azevedo faz um ensaio por uma realidade cataclísmica, depressiva e necrófila.

Ao longo de aproximadamente duas dezenas de páginas, Azevedo parte da descrição do que seria uma noite normal de um jovem solteiro dos finais do oitocentos, e logo se utiliza da ideia de que algo estava errado com o mundo. Com o desenvolver da narrativa, o personagem descobrirá, com muita aflição, que o tempo parou. Sua angústia aumenta ao perceber que algo teria acontecido com as pessoas que deveriam estar ocupando as ruas, e tudo leva a uma reflexão crítica de sentimentos. Desesperado, à mercê de um frio atroz, da fome e da exaustão, o jovem corre em busca de sua amada, sua noiva, e no caminho encontra escuridão e morte:

Passo a passo, venci até a primeira esquina. Esbarrei com um cadáver encostado às grades de um jardim; apalpei-o, era um polícia. Não me detive; segui adiante, dobrando para a rua transversal.

Começava a sentir frio. Uma densa umidade saía da terra, tornando aquela maldita noite ainda mais dolorosa. Mas não desanimei, prossegui pacientemente, medindo o meu caminho, palmo a palmo, e procurando reconhecer pelo tato o lugar em que me achava.

E seguia, lentamente.

Já não me abalavam os cadáveres com que eu topava nas calçadas (AZEVEDO, 1893, n.p.).

A narrativa é dominada pelo sentimento de angústia, porém, com pitadas de sensualidade e com um viés romântico de esperança de que o casal seria decomposto em união pela eternidade. Na verdade, Azevedo descreve um longo processo por meio do qual ambos se transformariam em elementos da natureza, e, depois, do éter.

E, abraçados a princípio, soltamo-nos depois e começamos e percorrer o firmamento, girando em volta um do outro, como um casal de estrelas errantes e amorosas, que vão espaço afora em busca do ideal (AZEVEDO, 1893, n.p.).

Além da importância do conto em si, vale lembrar que o autor abriu caminho para outras experimentações em terras brasileiras, como:

1909: *São Paulo no ano 2000, ou Regeneração Universal – Chronica da Sociedade Brasileira futura*, romance utópico descrevendo a metrópole paulista em um futuro remoto. O narrador adormece numa praça no centro de São Paulo, e quando acorda vê-se numa metrópole desconhecida. Só depois descobre que havia dormido durante 100 anos. Em vez dos 320 mil habitantes de que o Narrador se recorda, São Paulo tem agora um milhão e meio, e são narradas as mudanças no campo da educação, saúde, transportes, entre outras.

1922: *O Reino de Kiato: no país da verdade*. O autor idealiza um modelo de sociedade civilizada, de uma saúde perfeita, e supercontrolada pelo Estado.

1929: *Sua Excelência a Presidente da República do ano 2500*<sup>7</sup>. Escrita por uma mulher, aborda temas como o feminismo e a eugenia.

Essas, entre outras obras distópicas brasileiras, contam com elementos como aridez, angústia e opressão, que impactam os leitores. Na supracitada obra de Aluísio de Azevedo vemos uma experimentação literária mais ligada aos sentimentos do que à questionamentos sociais e políticos. No entanto, de maneira geral, tanto pequenas experimentações quanto obras mais robustas buscam a crítica à realidade vigente, assim como as demais distopias. Independentemente de serem próximas às obras clássicas ou de se utilizarem do recurso distópico em seu enredo, é interessante observar a relação do gênero com a História e as demais disciplinas, além de suas manifestações no mundo oitocentista, seja no Brasil ou fora dele. É preciso ainda destacar o caráter crítico do gênero, que transporta para a literatura os anseios da sociedade. Lembrando que a utopia de

---

<sup>7</sup> BITTENCOURT, Adalzira. "Sua Exci.<sup>a</sup> a Presidente da República no ano 2500". Para mais referências, conferir: SMANIOTTO, Edgard Indalecto. "Quando uma mulher for presidente: feminismo e eugenia na obra de Adalzira Bittencourt". Disponível em: <[https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/quando-uma-mulher-for\\_edgard-indalecio-smaniotto.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/quando-uma-mulher-for_edgard-indalecio-smaniotto.pdf)>. Acesso em: 26 jan. 2023.

uns é distopias de outros, e que a liberdade para uns não é a mesma que para os demais. Nas distopias e nos dias atuais, vivemos o dilema de ter que escolher entre liberdade e segurança. Talvez, refletir sobre séculos de utopias e distopias seja a chave para nos desvencilharmos de tal dilema e partirmos para a construção de um mundo imperfeito e melhor.

## Referências

*Epopéia de Gilgamesh* (Anônimo). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

ARAÚJO, Valdei Lopes de; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. *Atualismo 1.0: Como a ideia de atualização mudou o século XXI*. 2. ed. Vitória: Editora Milfontes/ Mariana: Editora da SBTHH, 2019.

AZEVEDO, Aluísio. *Demônios*. Disponível em <[www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000025.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000025.pdf)>. Acesso em: 25 nov 2022.

ATWOOD, Margareth. *O Conto da Aia*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017.

BACZKO, Bronislaw. Utopia. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: IN-CM, 1989. p.67-101. v. 5.

BALLARD, J. G. *O Reino do Amanhã*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

BARNSELY, Godofredo Emerson. *São Paulo no anno 2000, ou Regeneração Universal*. São Paulo: Typ. Brazil de Rothschild, 1909.

BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. São Paulo: Editora Globo, 2012.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Brief Notes on Utopia, Dystopia and History. In: VIEIRA, Fátima & FREITAS, Marinela (ed.) *Utopia Matters. Theory, Politics, Literature and the Arts*. Porto: UP, 2005, p. 101-105.

CLAEYS, Gregory. *Dystopia: A Natural History*. Oxford: OUP Oxford, 2018.

CLAEYS, Gregory. *Utopia: a história de uma ideia*. São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

DICK, Philip K. *Blade Runner: Androides sonham com ovelhas elétricas?* São Paulo: Editora Aleph, 2019.

DODD, Anna Bowman. *The Republic of the Future: or, Socialism a Reality*. Estados Unidos: Wildside Press, 2014.

FRANCO JR, Hilário. *As utopias medievais*. São Paulo: Editora. Brasiliense, 1992.

GARRARD, JF. *Trump: Utopia or Dystopia*. Canada: Dark Helix Press, 2017.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Penguin-Companhia, 2011.

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. São Paulo: Globo, 2009.

LE GUIN, Ursula. *A mão esquerda da escuridão*. São Paulo: Editora Aleph, 2015.

LEPORE, Jill. A Golden Age for Dystopian Fiction. What to make of our new literature of radical pessimism. *The New Yorker*, 29/05/2017. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2017/06/05/a-golden-age-for-dystopian-fiction>>. Acesso em 15 nov 2023.

LOB, Jacques; LEGRAND, Benjamin; ROCHETTE, Jean-Marc. *O Perfuraneve: O expresso do amanhã*. São Paulo: Editora Aleph, 2015.

LOBATO, Monteiro. *O presidente negro*. São Paulo: Globo, 2009.

MORE, Thomas. *Utopia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PENNA, João Camilo. Máquinas Utópicas e Distópicas. *In*: NOVAES, Adauto (org.). *Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo*. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 185-216.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Editora Edipro, 2019.

SHELLEY, Mary. *O último homem*. São Paulo: Editora Landmark, 2007.

SMANIOTTO, Edgard Indalecto. *Quando uma mulher for presidente: feminismo e eugenia na obra de Adalzira Bittencourt*. Disponível em: <[https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/quando-uma-mulher-for\\_edgar-indalecio-smaniotto.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/quando-uma-mulher-for_edgar-indalecio-smaniotto.pdf)>. Acesso em 15 nov 2023.

SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações*. Investigação sobre sua natureza e suas causas. Reprodução da 5. ed. 1789. Disponível em: <<https://gilbertextbom.wordpress.com/2017/12/12/smith-a-riqueza-das-nacoes-cap-viii-os-salarios-do-trabalho/>>. Acesso em 15 nov 2023.

SWIFT, Jonathan. *As viagens de Gulliver*. São Paulo: Editora Principis, 2020.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *O Antigo Regime e a Revolução*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

VALDEZ, Jessica R. "Our Impending Doom": Seriality's End in Late-Victorian Proto-Dystopian Novels. *In*: *The Journal of Modern Periodical Studies*. Vol. 9, No. 1, SPECIAL ISSUE: SERIALITY (2018), pp. 1-29. Estados Unidos: Penn State University Press, 2018.

VIRGÍLIO. *Eneida*. São Paulo: Editora 34, 2016.

WELLS, H. G. *A máquina do tempo*. Rio de Janeiro: Darkside, 2021.

WELLS, H. G. *O dorminhoco*. São Paulo: Editora Principis, 2021.

ZAMIÁTIN, Ievguéni. *Nós*. São Paulo: Editora Aleph, 2017.

ZIZEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.